



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

BRUNO SOUSA

**A MELANCOLIA EM UMA VISÃO PUNGENTE SOBRE A CONSTRUÇÃO
SOCIAL-FEMININA EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI**

TIMON-MA

2024

BRUNO SOUSA

**A MELANCOLIA EM UMA VISÃO PUNGENTE DA CONSTRUÇÃO SOCIAL-
FEMININA EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* Timon, como requisito institucional para obtenção do grau.

Orientadora: Prof.^a Ma. Cecília Guedes Borges de Araújo

TIMON-MA

2024

Sousa, Bruno
So85m

A melancolia em uma visão pungente da construção social-feminina em O Peso do Pássaro Morto, de Aline Bei / Bruno Sousa. – Timon, 2024.
43 f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Curso de Licenciatura Plena em Letras, 2024.

Orientadora: Profa. Ma. Cecília Guedes Boges de Araújo

1. Melancolia. 2. Violência. 3. Eventos traumáticos.
4. O Peso do Pássaro Morto. I. Título.

CDU 82-055.2

BRUNO SOUSA

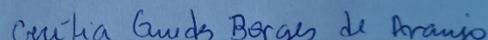
**A MELANCOLIA EM UMA VISÃO PUNGENTE DA CONSTRUÇÃO SOCIAL-
FEMININA EM O PESO DO PÁSSARO MORTO, DE ALINE BEI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* Timon, como requisito institucional para obtenção do grau.

Orientadora: Prof.^a Ma. Cecília Guedes Borges de Araújo.

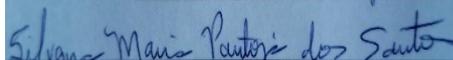
Aprovado em 20/03/ 2024.

BANCA EXAMINADORA



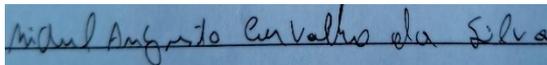
Ma. Cecília Guedes Borges de Araújo (UEMA)

Presidente



Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA)

1º Membro



Me. Michel Augusto Carvalho da Silva (IFPI)

2º Membro

À Francisca de Nazaré Sousa: “um ser que
é pai e mãe, harmoniosa”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter concedido a mim a capacidade intelectual para que eu pudesse concluir este trabalho.

À minha mãe. Porque é por ela que eu cheguei até aqui. Para mim é uma honra e eu me sinto gratificado por poder dar este orgulho a ela.

À Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* Timon, por me possibilitar ingressar no curso de Letras, e eu conseguir chegar nesta etapa final.

À minha orientadora, Cecília Guedes, que sempre fez seu trabalho com maestria e me possibilitou melhorar cada vez mais nesta produção. Também preciso agradecê-la como professora em algumas disciplinas do curso, ela foi responsável por minha mudança de visão sobre a literatura, até certo momento do curso eu não tinha afinidade com a área, mas ela me fez enxergar com outros olhos. Então, este trabalho também é por ela.

À minha professora Rosane, uma grande querida que passou em minha vida durante a trajetória do curso e que me marcou bastante.

Agradeço a todos os professores que transmitiram conhecimentos do curso, mesmo que alguns não tenham sido tão proveitosos, mas a grande maioria soube fazer seu papel e fico muito grato.

À minha amiga Kércya Rayanne, por ser a minha maior companheira e inspiração durante toda a trajetória do curso. Aos momentos em que precisamos um do outro para nos mantermos firmes e fortes neste curso.

Aos meus amigos, Ana Caroline, Leonardo Gomes, Yasmin Ozório, Isaú Oliveira, Francisco Carlos, Denise Lourrany, Mariana do Monte, Ana Gília e Ana Layne, que sempre estiveram ao meu lado durante a trajetória do curso. Em especial, ao Felipe, que sempre esteve disposto a ouvir meus desabafos em momentos que foram difíceis.

Aos meus queridos amigos, Ronilson Jonatas, Carlos “Mordecai” e Maurício, pelos momentos de distração quando eu estava com a mente pesada por tanto trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a teoria da melancolia em uma visão pungente sobre a construção social-feminina presente na obra *O Peso do Pássaro Morto* (2017), de Aline Bei, bem como analisar as questões que evidenciam o amadurecimento da personagem protagonista em suas fases de vida, desde a infância até a fase da vida adulta, as marcas da violência e a pungência da melancolia, tendo em vista os acontecimentos dos eventos traumáticos aos quais ela vivencia. Para isso, foram realizadas análises em recortes específicos da obra e o embasamento teórico contemplando a visão de teóricos, tais como: Freud (1917), Ginzburg (2001), Andrade (2011), Carlotto (2017), Dantas (2017), Santos (2021), entre outros. Conclui com este estudo que a abordagem no âmbito social e a temática da melancolia presente na obra são relevantes nos estudos da literatura brasileira contemporânea, sobretudo em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, uma vez que traz a debate público o ponto de vista feminino de uma personagem marcada pelos eventos traumáticos, além de uma abordagem visceral da melancolia em uma narrativa que combina a delicadeza do narrar e da dureza dos acontecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Melancolia; Violência; Eventos traumáticos; *O Peso do Pássaro Morto* (2017).

ABSTRACT

The present research aims to discuss melancholy in a poignant vision on the social-feminine construction present in the work *O Peso do Pássaro Morto* (2017), by Aline Bei. To this end, analyzes were carried out on specific excerpts from the work to which the general objective and theoretical basis were required, considering the vision of authors: Freud (1917), Ginzburg (2001), Andrade (2011), Carlotto (2017), Dantas (2017), Santos (2021). With the goal of analyzing the issues which highlight the maturation of the protagonist character in her life stages, from her infant times to adulthood, the marks of violence and the poignancy of melancholy, taking into account the occurrence of the traumatic events which the unidentified character experiences in a sad and psychologically painful manner. The research concludes that the approach of the social sphere with the theme present in this work is relevant in contemporary literary works, one of them, *O Peso do Pássaro Morto*, by Aline Bei. Mainly with a prose-poetic characteristic which also becomes significant in the current period.

KEYWORDS: Melancholy; Violence; Traumatic events; *O Peso do Pássaro Morto* (2017).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NOTAS SOBRE ALINE BEI	12
2.1 Breves comentários sobre a autora.....	12
2.2 A fortuna crítica e as percepções acerca da obra.....	13
3 A MELANCOLIA NA LITERATURA	21
3.1 Afinal, o que é melancolia?.....	22
3.2 Estreitando os laços entre literatura e melancolia.....	26
4 “DOS 8 AOS 52”: A TRANSFORMAÇÃO DA PERSONAGEM MELANCÓLICA EM O PESO DO PÁSSARO MORTO.....	287
4.1 A violência e seus efeitos na obra de Aline Bei	33
4.2 A representação da melancolia na personagem protagonista em <i>O Peso do Pássaro Morto</i>	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A melancolia, segundo estudos, demonstra um sentimento de tristeza, apagamento e negatividade. Pode-se imaginar ainda o que agrava a condição melancólica quando acompanhada da solidão. Ter pessoas ao seu redor não é garantia de completude, sempre faltará algo. Isso acarreta um sentimento pesado e doloroso, a situação torna-se ainda pior quando é acompanhada de eventos traumáticos, sejam eles a violência física e/ou psicológica, bem como o luto. Os elementos anteriormente citados se fazem presentes em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei. Uma prosa poética que narra a vida de uma personagem que não é identificada na obra, dividida em nove cortes temporais, dos oito aos cinquenta e dois anos de idade. Dentre estes nove recortes de tempo, durante as fases de vida, a personagem vivencia experiências conturbadas de perda e sentimentos isolados e negativos. Sentimentos estes que são melancólicos devido às diversas perdas - mortes de entes queridos.

O livro também aborda casos de violência psicológica e física, que serão extraídos e analisados no decorrer deste trabalho. É possível pensar e sentir a forma como a personagem enfrenta a sua vida, condicionada a diversos eventos que eram pungentes a sua condição particular, mas que, ao mesmo tempo, respingava nas pessoas que estavam ao seu redor. Assim, faz-se necessário levantar alguns questionamentos: como a melancolia é retratada na obra de Aline Bei? Quais os elementos utilizados para a sua representação?

Este trabalho objetiva analisar, de modo geral, os eventos traumáticos e o sentido da melancolia dentro da obra e, especialmente, explanar a construção social-feminina da personagem, compreendendo o universo da morte e as marcas da violência com base nas vivências da personagem, bem como investigar os efeitos da melancolia e o seu acarretamento ao longo da narrativa.

O percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento do trabalho apresenta um caráter exploratório, uma abordagem quanti-qualitativa e um procedimento bibliográfico, norteados pela leitura e análise da obra, em seguida foi feito um levantamento de informações a partir de artigos e outros materiais bibliográficos que se enquadram na temática deste trabalho, uma análise teórico-prática do estudo da construção social-feminina da personagem protagonista, a busca

pela compreensão do universo da perda - a morte -, e, por fim, a investigação dos efeitos da melancolia resultados das perdas da personagem na narrativa.

2 NOTAS SOBRE ALINE BEI

Antes de iniciarmos as discussões acerca da obra e adentrar na temática a que se refere e às análises de trechos que serão o foco desta monografia, no subtópico 2.1, veremos menções acerca da vida e um pouco da trajetória de Aline Bei e suas produções. Em seguida, no tópico 2.2 será explanada uma fortuna crítica que reunirá sete trabalhos pertencentes à obra, foco deste trabalho. Assim, resumidos os conteúdos de cada trabalho, para que se possa compreender a proposta aqui presente e a importância de se estudar atualmente o livro *O Peso do Pássaro Morto* (2017), de Aline Bei.

2.1 Breves comentários sobre a autora

Nascida em 1987, na cidade de São Paulo, Aline Bei, antes de adentrar no universo da literatura, conheceu os ares das artes cênicas. Aline decidiu cursar Letras na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mas antes se formou em Teatro na Escola Célia Helena. Foi, então que, ao cursar Letras, a autora já buscava uma forma de escrever diferenciada de seus colegas escritores da faculdade.

Em entrevista para o site *Cotidiano UFSC*, Aline contou suas vivências da carreira enquanto escritora, mencionou que quando terminou a faculdade de Letras, inspirada pela vontade de escrever, logo iniciou a produção de sua primeira obra chamada de *O Peso do Pássaro Morto*, lançada pela Editora Nós, em 2017. Esta publicação foi responsável por alavancar a recém escritora no meio literário. A obra foi premiada no evento Prêmio São Paulo de Literatura, no ano de 2018, na categoria: melhor romance de autor estreante com menos de 40 anos de idade. Ela ainda contou com uma segunda produção intitulada *Pequena Coreografia do Adeus*, lançada no ano de 2021, pela Companhia das Letras. Sua segunda obra, até o momento, não alcançou uma repercussão tão grande como a primeira.

Com o sucesso de *O Peso do Pássaro Morto* (2017), Aline passou a ser reconhecida pela sua forma espontânea e encantadora de escrever. Surgiram diversos convites para entrevistas, coletivas de imprensa, eventos literários e afins. A autora cravou seu nome como uma das escritoras renomadas da

literatura brasileira contemporânea. Resultado disso foi a repercussão na academia, em que diversas pesquisas em torno da obra *O Peso do Pássaro Morto* foram elaboradas.

A exemplo disso, as pesquisas intituladas “A cura não existe”: depressão, melancolia e suicídio no romance *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, de Natacha Santos & Wilma dos Santos, artigo publicado em 2020; “Morte, violência e devastação em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei”, de Jocelaine Oliveira, artigo publicado em 2021; “O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea”, de Maria do Rosário & Aline Alves, artigo também publicado em 2021; “A recepção brasileira ao romance *O Peso do Pássaro Morto* (2017), de Aline Bei”, de Mônica Stefani e Naíla Cordeiro, artigo publicado em 2021; “Poética da rememoração: o processo criativo de *O Peso do Pássaro Morto*”, de Elisabete Alfeld, artigo publicado em 2021; “*Bildungsroman* feminino: rupturas do romance de formação contemporâneo em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei”, de Luana Raquel e Vânia Maria, artigo publicado em 2023; e a monografia “O peso de ser mãe: a construção do sujeito materno em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei”, de Victor Hugo Farias, publicada em 2023.

Vistas estas pesquisas acerca da obra *O Peso do Pássaro Morto*, 2017, nota-se a relevância da mesma para o meio acadêmico. Uma vez, que, por ser uma obra recente, mas com um sucesso e alcance de público estimável, trata-se também de uma literatura contemporânea de autoria feminina que já chegou marcando o nome de Aline Bei entre as autoras contemporâneas brasileiras. Assim, rendendo, pesquisas, monografias, artigos, resenhas e afins. Trabalhos estes que se tornam relevantes ao apoio e fortuna literária de pesquisas das universidades.

2.2 A fortuna crítica e as percepções acerca da obra

Mesmo nos tempos atuais, contemporâneos, a literatura de autoria feminina ainda encontra barreiras a serem derrubadas, pois a visibilidade ainda não é igualitária à literatura de autoria masculina. Como menciona Zolin (2005):

Estudos acerca de textos literários canônicos mostram inquestionáveis correspondências entre sexo e poder: as

relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública. Ambas são construídas sobre os alicerces da política, baseados nas relações de poder. [...] considerando as circunstâncias sócio-históricas como fatores determinantes na produção da literatura, uma série de críticos(as) feministas, principalmente na França e nos Estados Unidos, têm promovido, desde a década de 1970, debates acerca do espaço relegado à mulher na sociedade, bem como das consequências, ou dos reflexos daí advindos para o âmbito literário (Zolin 2005, pág. 217).

Com base nesta afirmação, podemos entender como funciona a questão da relação de poder entre a *guerra dos sexos*, pois não é de hoje que essa luta de igualdade que a figura feminina vem buscando alcançar. Porém, mesmo com certa inferioridade, a escrita literária de autoria feminina ainda consegue manter-se ativa e com uma devida atenção até que considerável por parte da crítica.

Para tanto, foram reunidas neste tópico sete pesquisas que analisaram questões e temáticas pertinentes na obra *O Peso do Pássaro Morto*, cada uma trazendo uma abordagem detalhada e com ricas contribuições.

A pesquisa “A cura não existe”: depressão, melancolia e suicídio no romance *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, publicada em 2020 na *Revista Humanidades e Inovação* v.7, n.17 e redigida por Natacha dos Santos Esteves (UNESPAR) e Wilma dos Santos Coqueiro (UNESPAR), busca explicar uma análise crítica sobre a obra, mais especificamente a temática da depressão, melancolia e o suicídio. A produção inicia-se com um tópico onde irá ser tratada a abordagem teórico-metodológica de toda a análise sobre a obra. Aprofunda-se no conceito literato contemporâneo brasileiro, um ponto importante a ser mencionado, pois o romance trata-se de uma produção literária contemporânea. Em seguida, as autoras argumentam que a obra possui temáticas presentes que foram ignoradas por outras pesquisas, ou que precisamente não eram o foco e, assim, não tiveram a devida atenção. Elas se apoiam neste argumento para justificar o prestígio e a atenção da análise sobre a depressão, melancolia e o suicídio, marcas fortemente presentes em *O Peso do Pássaro Morto* (2017).

Partindo para a análise crítica da obra, no tópico “a desvitalização do sujeito”, as autoras fazem um panorama geral acerca da obra e buscam registros de passagens e vivências da vida da personagem central que justifiquem o ápice da tragédia final: a sua morte. Ancorando-se nas teorias de Freud (2013) e Solomon (2018) sobre luto, melancolia e depressão, as autoras analisam os eventos traumáticos e o acarretamento da confusão psicológica que estes eventos influenciaram ao adoecimento mental da personagem. O trabalho conclui-se recapitulando a ideia e o foco do estudo das análises, afirmando que as lacunas deixadas pela melancolia e depressão, presentes durante os estágios da vida da personagem, acarretaram ao seu autoaniquilamento.

Em “Morte, violência e devastação em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei”, pesquisa produzida por Jocelaine Oliveira dos Santos (IFS/Estância) e publicada em 2021 na revista *Interdisciplinar – Revista de estudos em língua e literatura*. v. 36, jul-dez, propõe intensificar as discussões entre morte e violência como as marcas constitutivas sofridas pela personagem central da obra *O Peso do Pássaro Morto* (2017), que andarilha entre a destruição e a ruína.

O trabalho sustenta-se na teoria da escrita feminina de Branco (2004); na Crítica Feminista de Figueiredo (2020) e Xavier (2021); na devastação a partir dos escritos de Lacan (1972/2008) e Marie Helene Brousse (2004), e, por último, Kristeva (1980) com a existência desvitalizada. No tópico “Escrever é mais forte”, a autora investiga rastros e espaços onde se debruça a escrita feminina com base no contexto da crítica literária. A autora relaciona essa escrita com uma de posição feminina, pois, nota-se que essa relação está atrelada aos locais de fala em que se é possível viabilizar de acordo com as vivências reais do universo da mulher, bem como podem ser trazidas para dentro da literatura contemporânea de autoria feminina.

Durante o capítulo de análise, a autora analisa uma das cenas mais impactantes da narrativa, a cena do estupro, sendo este apenas um dos determinantes da condição melancólica por parte da personagem durante a narrativa. As perdas afetivas também são mencionadas neste capítulo sob um ponto de vista mais atento, pois o que elas resultarão à personagem é

justamente o seu autoaniquilamento e desvitalização. Por fim, como justificativa, a autora recapitula os diversos eventos traumáticos que acontecem durante a narrativa, desde as mortes de entes queridos, o estupro e a relação entre mãe e filho, presentes nessa obra. Estes pontos são utilizados para compreender, de fato, a devastação e a existência desvitalizada em *O Peso do Pássaro Morto*.

Em “O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea”, escrito por Maria do Rosário Alves Pereira (Cefet-MG) e Aline Alves Arruda (IFES), e publicado na revista Criação & Crítica n, 29, em 2021, discute sobre duas obras de escrita feminina contemporânea, que, em suas narrativas, abordam a temática pungente do estupro: *Por cima do mar* (2018), de Deborah Dornellas e *O peso do pássaro morto* (2017), de Aline Bei.

A presente pesquisa inicia trazendo algumas considerações sobre a narrativa de autoria feminina na contemporaneidade, fazendo um panorama dos anos 1960 até os dias atuais. Alguns pontos de discussão sobre o que a narrativa se debruça foram discutidos, tais como as temáticas abordadas com o passar das épocas. Algumas temáticas como: a pressão social e a resistência à violência. Partindo para as obras que serão abordadas em uma temática isolada nessa pesquisa, as autoras iniciam as análises com o livro *Por cima do mar* (2018), tratando o tema central do trabalho e relacionando com as teorias e os conceitos de Figueiredo (2019) e Despentens (2016).

O tópico intitulado “Por cima do mar: possibilidades de superação do trauma” expõe o sofrimento e o desgosto da personagem chamada Lígia Vitalina. A personagem, durante a narrativa, é estuprada por dois rapazes. Essa cena do estupro deixa em Lígia uma marca durante sua vida, porém, mesmo com esse trauma, consegue levar sua vida adiante superando, aos poucos, a cena de terror a qual ela foi acometida. Interligando a história da personagem Lígia com a personagem central de *O peso do pássaro morto*, no tópico “O peso do pássaro morto: o corpo feminino devastado”, temos a abordagem da cena de estupro da personagem, praticado pelo seu namorado, que se tornou pai do seu filho.

Assim, o filho não recebeu todo o carinho e afeto preciso da mãe, pois a personagem sempre lembrava do trauma. Vale destacar que em *Por cima do*

mar (2018) a personagem sofre um aborto espontâneo, já em *O peso do pássaro morto* (2017) a vítima de estupro prossegue com a gravidez e continua cuidando do filho. O estudo mostra contrastes de passagens das narrativas onde ocorrem as cenas do traumáticas, e relaciona os efeitos que causaram na vida das personagens. Tudo isso girando em torno da questão do ser mulher, devido ao trauma da violência sexual que ainda é uma pauta muito forte e tratada em produções de narrativas contemporâneas de autoria feminina.

A pesquisa “A recepção brasileira ao romance *O Peso do Pássaro Morto* (2017), de Aline Bei”, publicada em 2021 pela revista *Afluente: Revista de Letras e Linguística* v. 6, n. 17 - 2021 e produzida por Mônica Stefani (UFMS) e Naíla Cordeiro Evangelista de Sousa (UFPB), traz reflexões acerca da recepção crítica do romance tratado em questão. Iniciando com o capítulo “A estética da recepção: uma breve recapitulação” são discutidas as breves concepções sobre a estética da recepção com o embasamento apurado aos teóricos Zilberman (1989) e Jauss (1979). Feitas as breves discussões, a pesquisa reúne cinco resenhas críticas sobre a obra *O Peso do Pássaro Morto*, e as cinco resenhas colhidas foram publicadas entre os anos de 2018 e 2020.

As resenhas escolhidas foram: resenha do portal Lunetas, publicada em setembro de 2018; resenha da Revista Caliban, publicada em outubro de 2018; resenha do *site* Valkirias, publicada em novembro de 2018; resenha do Jornal Rascunho, publicada em janeiro de 2019; resenha da Revista Glamour, publicada em maio de 2020. A pesquisa averiguou o conteúdo das cinco resenhas e interpretou cada uma delas a fim de obter diferentes pontos de vista da obra aqui trabalhada. Mesmo com as cinco resenhas apontando pontos de vista diversos, foi investigado um ponto em comum entre elas, as autoras afirmam que esse ponto demonstra uma devida atenção aos temas mais sensíveis do universo feminino, tais como a maternidade forçada, violência física e psicológica, machismo e afins.

O artigo “Poética da rememoração: o processo criativo de *O Peso do Pássaro Morto*” elaborado por Elisabet Alfeld (PUC-SP) e publicado na revista *Manuscrita: Literatura hispano-americana contemporânea* n. 43, em 2021, irá tratar acerca das características e experimentos de expressividade dentro da escrita de um romance. O trabalho aborda essa experimentação da ruptura da

escrita convencional para arriscar a linguagem, baseando esta afirmação em Blanchot, 2011.

Trabalhar com a linguagem no desenvolvimento de uma obra requer atenção, inspiração e criatividade, pois tudo deverá estar cuidadosamente ligado. É neste ponto onde entra a construção de sentidos das relações dialógicas. O dito anterior foi abordado no tópico “Traumas de escrita: rememoração das etapas de um percurso criativo”. Nesse tópico há ainda a discussão da linearidade temporal da obra mencionando a relação entre os títulos de cada capítulo “aos 08, aos 17, aos 18...”, isso demonstra uma determinada linearidade de acontecimentos dos fatos, de modo que seja a rememoração de todo o percurso criativo da obra.

A pesquisa segue a discussão tratando ainda acerca da sobreposição de narrativas, encenação e ficcionalização. O sentimentalismo busca ser explicado e aplicado à forma criativa da escrita. As cenas ao decorrer das páginas têm uma fidelidade com a materialização desta construção da catarse ou, como já dito, o próprio sentimentalismo. Alguns exemplos são os episódios de dor sofridos pela personagem protagonista da obra, o silêncio que permeia em alguns momentos da narrativa, as lacunas causadas pela melancolia que segue desde o primeiro capítulo até o último. Tudo isso é discutido e analisado dentro da abordagem do processo criativo dessa narrativa.

O artigo “Bildungsroman feminino: rupturas do romance de formação contemporânea em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei”, publicado em 2023 por Luana Raquel dos Santos Soares (UECE) e Vania Maria Ferreira Vasconcelos (UNILAB), na revista Palimpsesto, do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, v. 22, n. 42, em 2023. Esse é tido como um dos mais ricos em relação a estudos sobre a obra *O Peso do Pássaro Morto*, pois busca analisar as rupturas do romance de formação contemporâneo. As autoras trazem a expressão “*Bildungsroman* feminino” para mediar os estudos e análises. A fim de tratar sobre o *Bildungsroman*, as autoras do trabalho, Luana Rachel (UECE) e Vânia Maria (UNILAB), apoiam-se aos trabalhos de Maas (2000) e Pinto (1990). Logo no primeiro capítulo elas trazem um apanhado teórico sobre as diferenças e conceitos acerca dos “*Bildungsroman* tradicional” e “*Bildungsroman* feminino”.

Faz-se primeiramente um resumo geral da narrativa, considerando os principais acontecimentos com a personagem central, o capítulo dispõe de três subtópicos tidos como temáticas isoladas a serem tratadas pelas autoras. O primeiro denominado de “A cura não existe”, onde aqui serão tratados os traumas na vida da personagem em decorrência do luto, as perdas que ela teve durante os estágios de sua vida e o que isso ocasionou psicologicamente. Este tópico está apoiado teoricamente nos estudos de Freud (2010). O segundo subtópico denominado como “A maternidade impossível” vai trazer a ocorrência do estupro sofrido pela personagem, onde ela acaba engravidando, mesmo não querendo, mas decide manter a gestação.

O terceiro e último subtópico é nomeado como “Um feto de felicidade”, onde surge a expectativa de um *Bildungsroman* tradicional, pois este tópico irá explicar a esperança de enxergar a vida de uma forma positiva ao encontrar uma luz que reacenderia a chama da esperança e do amor pela vida. Os próximos dois tópicos encerram o trabalho tratando sobre as perdas. Um deles sendo a perda das palavras e o outro com a perda final. Ao mencionar sobre a perda das palavras, as autoras adentram na estilística, onde fazem análises sobre o modo em que a obra apresenta alguns trechos que são importantes para fixar atenção. Exemplos como o espaçamento entre as palavras, o distanciamento de alguns versos e afins.

Vale ressaltar que estes trechos estão interligados a cada cena específica de determinado acontecimento na narrativa. A perda final trata do trágico fim da personagem, pois seu autoaniquilamento desperta atenção, da mesma forma que em outros trabalhos acerca da obra. Concluindo o trabalho, o *Bildungsroman* feminino presente em *O Peso do Pássaro Morto* rompe um pouco esse conceito tradicional, visto que, ao contrário de um desfecho positivo de um protagonista, na obra estudada temos um desfecho totalmente infeliz.

A monografia “O peso de ser mãe: a construção do sujeito materno em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei”, escrita por Victor Hugo Farias de Araújo (UFAL), em 2023, busca explicar as questões maternas do sujeito feminino dentro da literatura, mais especificamente a literatura de autoria feminina. Partindo dos princípios de espaço e legitimação dessa literatura, o estudo traz uma visão da mulher no percurso histórico em um âmbito

hierárquico de comparação ao homem e suas responsabilidades e demandas perante a sociedade. E isso não seria diferente nas esferas do ambiente da literatura.

Os argumentos para os estudos deste assunto estão baseados nas teorias de Beauvoir (2016), Zolin (2015) e Muzart (1995). No tópico “A mulher-mãe” são discutidas as questões históricas acerca do patriarcado e o condicionamento da mulher à maternidade. É considerada uma visão de que o Eu-materno só legitimado quando se é concedido de fato à mulher. Ou seja, a mulher torna-se realmente mulher quando garante a experiência da maternidade em sua vida, mas, caso contrário, ela não é vista como uma mulher exemplar ou uma mãe de atos negligentes, caso negue gerar um filho.

O capítulo “O sujeito materno em *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei” retoma as discussões acerca da literatura escrita por mulheres e da temática da maternidade presente dentro da literatura feminina contemporânea, explanando um percurso entre as décadas de 1970 e 1980. Aqui temos as discussões centrais da maternidade presente na obra. Antes de aprofundar as análises, neste capítulo é feito o trajeto da história da vida desta personagem sem nome, desde sua infância até início da fase adulta, onde finalmente a personagem é condicionada a ser mãe – sendo aqui o foco principal deste trabalho.

A discussão sobre o patriarcado continua, as obrigações da mulher enquanto emprega o seu papel de mãe. A personagem passa por vários momentos angustiantes de sua vida, como as cenas de luto e de violência sexual até chegar ao estágio da maternidade. A violência sofrida por ela não se apagará da memória, uma vez que ainda há o gatilho de que o filho nasceu com traços que lembram o pai, causando essa rememoração do trauma. O trabalho finaliza explanando essa condição complicada de maternidade condicionada à personagem de *O Peso do Pássaro Morto*, pois ela não encontra saída a não ser manter a gravidez e tentar, mesmo sendo uma fase de extrema responsabilidade e com o peso dos acontecimentos anteriores, garantir o cuidado ao filho.

3 A MELANCOLIA NA LITERATURA

No início desta sessão, será abordada de maneira sintetizada a relação entre estas duas esferas de acordo com a teoria de Dantas (2017), onde foi dito que as questões psicanalíticas e a literatura transitam por caminhos estreitos e se alinham, mas sem uma se sobrepor à outra. São duas áreas que, mesmo em esferas diferentes, acabam se unindo e trazendo um movimento marcante na literatura contemporânea.

Em seguida, no tópico 3.1, “Afim, o que é melancolia”, serão feitas abordagens sobre diversos autores com contribuições conceituais pertinentes acerca do que é e o que se tornou a melancolia desde sua descoberta até os tempos atuais. Será discutida também a divergência de conceito entre o luto e a melancolia.

Na contemporaneidade, tratar de melancolia na literatura transformou-se em quase uma característica das produções literárias, além das questões psicanalíticas, que colaboram e são responsáveis por construir uma produção do eu nas narrativas literárias. Como bem afirma Dantas (2017):

[...] os laços que unem a psicanálise e a literatura são marcadamente mais estreitos do que seriam as outras formas de produção artística, porque ambas se constroem no estudo do mesmo objeto que é a busca da complexidade da alma humana. Seriam, portanto, dois saberes solidários, que podem confluir sem que um tenha de subordinar-se ao outro (Dantas, 2017, p. 94).

Esses dois saberes solidários que se entrelaçam nos dão margem para adentrarmos em uma discussão acerca das relações entre a condição da melancolia e a literatura contemporânea. Visto que as discussões futuras sobre a obra *O Peso do Pássaro Morto*, 2017, terão como foco os traumas e as vivências perturbadoras condicionantes à melancolia da personagem protagonista.

Mas antes, neste capítulo iremos tratar sobre os conceitos do que é melancolia. Em seguida, será feita uma abordagem entre a relação da literatura com a melancolia. Abordagens estas que estarão apoiadas em teóricos que discutem sobre os conceitos de melancolia, tais como Ginzburg (2001), Freud (1917), Carlotto (2017) e Andrade (2011).

3.1 Afinal, o que é melancolia?

Quando pensamos no termo melancolia automaticamente nos remete a algo depressivo, solitário e delicado. Sim, pode ser nesse viés de pensamento, mas é uma condição bem mais profunda e com outro conceito. Por outro lado, surge ainda um outro questionamento: será que a melancolia poderia ser a junção de todos os sentimentos sombrios, tais como depressão, solidão e, até mesmo, o luto? Ao longo deste subtópico essas questões serão respondidas e esclarecidas com base nas afirmações de teóricos que discutem sobre o que é a sua definição.

A melancolia já é um termo bastante antigo, vindo diretamente da época dos gregos e era retratada em obras de arte como uma atribuição à representatividade do mal estar naquela época. Em seu trabalho intitulado de *Conceito de Melancolia*, Ginzburg (2001) afirma de início que “a criação do conceito de melancolia é atribuída a Hipócrates, que a define, em um aforismo, como um estado de tristeza e medo de longa duração” (Ginzburg, 2001, p. 103). Assim, a melancolia era vista como uma doença que rondava os seres que viviam no período de seu descobrimento. Carlotto (2017) também diz sobre a melancolia:

[...] era tida como a doença da preguiça, um dos sete pecados capitais, diante de Deus. Era impossível assegurar a verdade convocada pelo Outro diante de suas angústias. Não saber também que lhe conferia a incerteza do sentido do mundo. A teoria aristotélica traduzia a melancolia em quatro elementos do universo: água, terra, fogo e ar (Carlotto, 2017, p. 22).

Carlotto (2017), ainda complementa ao conceito de melancolia em uma esfera psiquiátrica:

A melancolia recebeu outra denominação e suas características foram reunidas em um conjunto de sintomas, tornando-a um mal-estar psíquico do desajuste do indivíduo com o laço social. Chamada de psicose maniaco depressiva, devido aos ciclos de temperamento que oscilavam entre a depressão e a mania (Carlotto, 2017, p.22).

Trazendo o raciocínio de Andrade (2011, p. 15) sobre a melancolia como o espelho de uma ligação entre almas de um tempo passado, “a melancolia é

a expressão de um afeto antigo, muito amplo e complexo”. A autora ainda afirma que os resquícios sobre a melancolia foram já conhecidos há muito tempo, “os registros são encontrados desde os mais remotos escritos da antiguidade” Andrade (2011, p. 15).

Estes contrastes sobre o seu conceito têm um ponto semelhante: a crise psíquica e afetada do existir. Desenvolvendo, assim, determinadas crises existenciais acerca da identidade do eu. Levantando questionamentos e causando a dor da existência, uma vez que esses questionamentos podem surgir como uma dúvida em relação ao que se refere o identitário do ser humano. Quem eu sou? Qual o meu propósito? Esses questionamentos revelam esse vazio, essa lacuna. A dor de existir – quando se está em um estado de melancolia – acontece dessa forma. Andrade (2011) aponta:

[...] a dor psíquica acontece sem haver a necessidade de uma agressão aos tecidos ou a uma lesão no corpo, se constituindo assim como algo, muitas vezes, indescritível, incomensurável, que não possui uma causa específica, podendo ser apontado como uma “dor do nada”, que não pode ser medida ou quantificada, uma dor associada simplesmente ao vazio de existir (Andrade, 2011, p.29).

Em consonância, Ferrari (2006) menciona que há uma carência causada pela melancolia que fere o eu, numa tentativa de buscar um apoio no outro para assim encontrar um sentido da sua própria existência. Como podemos observar:

O motivo da 'dor de existir em estado puro', própria da melancolia, advém do fato de que estes sujeitos, diferente dos sujeitos neuróticos, não contam com o recurso de identificar, dar sentido a sua vida no desejo do Outro. O que tudo indica é que nessa carência de ser no Outro, ser sob o significante fálico, o melancólico diz de uma culpabilidade que não é relativa à insuficiência do gozo, mas ao injustificado da vida, do gozo da vida (Ferrari, 2006, p. 8).

Estes conceitos de melancolia montam em nossa mente a imagem de uma pessoa carregada de energia negativa e que enxerga a vida de uma forma cinzenta e sem expectativas para o triunfo. A causa disso pode estar atrelada às questões pungentes de acontecimentos árduos durante o estágio da vida, ocasionando assim o ar melancólico que toma conta do eu.

Podemos pensar também em melancolia como algo ficcional? Levantamos a hipótese de ser apenas uma fantasia obscura da nossa mente. E se a melancolia for somente algo ficcional? Ilusório? Em um raciocínio não muito ilógico, se pararmos para pensar na melancolia como algo irreal que acontece na mente do ser melancólico, Agamben (1981) afirma:

[...] A melancolia seria menos uma reação de regressão diante da perda do objeto amado do que uma aptidão fantasmática em fazer aparecer como perdido um objeto que escapa à apropriação. Se a libido comporta-se como se uma perda tivesse sido sofrida, se bem que na realidade nada tenha sido perdido, é porque ela assim encena uma simulação na qual e pela qual o que não podia ser perdido – porque jamais possuído – aparece como perdido, e o que não podia ser possuído – talvez porque irreal – torna-se apropriável enquanto objeto perdido (Agamben, 1981, p. 48).

De acordo com a afirmação do autor, a melancolia, por ser algo tão devastador e que traz medo, acaba assumindo esse papel de mascarar a realidade e fazendo aflorar necessidades fantasmáticas de busca no outro. Sem que, na realidade, haja necessidade de se automutilar. Mas devido ao adoecimento da mente, ela ocasiona essa certa “ficção” da realidade.

Freud foca na melancolia como uma condição que ataca diretamente ao psíquico do eu, os estudos de Freud sobre a condição melancólica nos dão um conceito claro sobre que é este fenômeno devastador e que aguça profundamente o estado de tristeza e desânimo. Em sua obra *Luto e Melancolia* (1917), Freud faz a seguinte afirmação acerca do que é melancolia:

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até expectativa delirante de punição (Freud, 1917, p. 28).

Pode-se até pensar que melancolia é o mesmo estágio que o luto, mas há diferentes atribuições para cada um. Freud faz a diferenciação entre esses dois termos. Sobre o luto, ele afirma:

O luto é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar

do luto uma melancolia, o que nos leva a suspeitar nelas uma disposição patológica (Freud, 1917, p. 28).

A diferenciação entre luto e melancolia se dá quando Freud traz o ponto onde diverge o conceito um do outro, ele afirma que o melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego, onde afirma que “no luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (Freud, 1917, p. 30).

Visto que o ponto dessa distinção se dá quando a melancolia parte para o rebaixamento do ego, o mais dito como o pertencimento do Eu, e faz desabar um fardo mais pesado ao psiquismo do ser humano, torna-se cruel a forma com que empobrecimento do eu acontece. Pois a vontade de continuar vivendo e enxergando a vida de forma reluzente vai se perdendo com o passar do tempo, até chegar em um estágio de abandono total do próprio eu. A falta de autocuidado é o resultado desse empobrecimento que vem carregado com um fardo pesado de perdas e da ausência sentimental que se busca em um ente querido. Essa contextualização entre luto e melancolia também é discutida por Andrade (2011):

A correlação entre a melancolia e o luto se justifica devido à semelhança existente entre ambos no tocante ao processo de desencadeamento que acontece a partir da dor ocasionada por uma perda ou um lamento amargo. Essa perda pode ter sido de uma pessoa querida, um objeto, um ideal, um lugar saudoso, uma abstração... se apresentando tanto em nível real quanto imaginário (Andrade, 2011, p.21).

Esse dito da autora converge com a afirmação de Freud quando ambos demonstram essa correlação existente entre melancolia e luto, mesmo havendo atribuições diferentes a cada um, mas sem deixar de estreitar caminhos que se unificam dentro do que se busca diferenciar entre esses dois estados.

Ao que se parece, luto e melancolia são semelhantes devido às descrições de estágio quando se está nesse período de adoecimento mental e aos acontecimentos pungentes durante as vivências do eu, ou seja, traumas pesados que ocorrem na vida do ser humano. Como vimos, a discussão do conceito de luto é justamente a perda de uma pessoa querida, mas que, com o

passar do tempo, há a superação dessa dor, diferente da melancolia, que atinge bem mais o eu. Seguindo essa linha de raciocínio, Ginzburg (2001) afirma:

O ser melancólico não tem tranquilidade com relação ao passado, nem quanto ao futuro. Seu presente está marcado pela tristeza. O melancólico sente tristeza, por causa de uma perda, e medo de algum dano no futuro (Ginzburg, 2001, p. 109).

Considerando o que foi discutido até aqui, nota-se que a melancolia degrada o ego, causa destruição no ser humano ocasionando o empobrecimento da alma devido ao ferimento do psicológico saudável trazendo possíveis situações irreais, ditas como ficcionais como forma de enganação do psicológico. A falta de perspectiva sobre a vida também é pertinente quando se está em um estágio melancólico. A melancolia em si, denominada antes como uma doença da preguiça, foi sendo descoberta como algo bem mais profundo e de seriedade. Adentrou em diversas esferas do social, principalmente nas antiguidades quando era demonstrada na arte e servia de representação sentimental.

Hoje, na contemporaneidade, temos a melancolia como uma demanda que ronda o eu, vista também na literatura contemporânea, uma temática presente e de marca forte nos escritos.

3.2 Estreitando os laços entre literatura e melancolia

Feitas estas discussões anteriores com as visões dos autores sobre o que é a melancolia, veremos agora neste tópico, de forma mais detalhada a relação entre melancolia e literatura.

A relação entre melancolia e literatura afluía de uma forma com que o homem pudesse representar sua insatisfação perante os acontecimentos dolorosos da vida. Funcionava como um descarrego de um fardo que incomodava o psíquico e que se tornava necessário dar um jeito de livrar-se. Essa representação da condição melancólica nos escritos literários advém de uma forma para explicar a condição cabisbaixa do homem relacionada às vivências do social. Brandão (2017), afirma, que:

A verdade é que antes mesmo ser descoberta e analisada pela psicanálise a melancolia já era identificada na literatura. Começou com Homero na antiguidade greco-latina quando o mesmo oferece uma imagem da melancolia na qual o homem apresentava uma infelicidade resultante de sua desgraça perante os deuses, relacionando a melancolia a culpa e atos humanos (Brandão, 2017, p.21).

Essa questão do social, trazendo para uma visão contemporânea da melancolia está associada ao desgaste do controle emocional do ser humano. São cobranças e mais cobranças sobre as responsabilidades perante as obrigações, principalmente na vida adulta, que acabam por ocasionar pressão psicológica sobre a mente, causando assim o adoecimento e resultando em uma posição dada como melancólica. Para discutir melhor essa associação da melancolia ao desgaste e à pressão psicológica, Brandão (2017), traz o seguinte raciocínio:

Quando levamos em consideração todas essas situações de pressão psicológica exercida sobre o ser humano, entendemos que o aumento de melancolia ou depressão está diretamente relacionado à estrutura cultural, econômica e psíquica motivacional em relação aos fenômenos emocionais, faltando de partes superiores quem oriente e ajude, mas durante toda a vida aumenta quem prolongue uma cobrança maior do que muitos podem suportar ou conseguir ultrapassar e se estabilizar (Brandão, 2017, p.27).

Esta abordagem do peso melancólico descarregado ao ser humano adentra no âmbito literário da mesma forma e com a mesma intensidade ao ferir o ego e ocasionar o sentimento do vazio e da solidão permanente, acinzentando, assim, a visão do sujeito no que se traduz como uma perda durante o seu estágio melancólico. O peso melancólico nos escritos literários atua de forma com que essa condição melancólica esteja retratada como um discurso que claramente sirva para uma reflexão afim de enxergar o lado obscuro da vida “no plano literário, o discurso do melancólico releva sucessivas imagens de solidão e devaneios em que o eu lírico ou ficcional se reconhece apartado do mundo” (Correia, 2004, p. 45).

A literatura nos dá uma forma de compreensão e de demonstração fiel da melancolia quando se adentra ao âmbito melancólico pertinente em uma narrativa. Podemos até pensar que a melancolia presente na literatura atua como uma melhor representação do que se diz ser sombrio e nebuloso.

Penetrar no sentimental delicado do ser humano, entender como o psíquico funciona e também as suas fragilidades. A literatura contemporânea abarca também, por sua vez, essa representação da realidade social, na qual, melancolicamente, demonstra nuances e fatores que ocorrem em uma sociedade de uma forma que represente situações reais do cotidiano. Então assim devemos “saber a posição que nossa literatura vai assumir para reinterpretar essa realidade” (Dalcastagnè, 2012. p. 82).

Tudo isso trazendo e ocasionando uma reflexão mais aprofundada sobre esse lado obscuro da vida. Essas questões do ser melancólico atuam na literatura, principalmente na contemporaneidade, pois causa a emoção, a dita catarse, nos leitores, e é responsável também por despertar sentimentos através dos escritos.

Até aqui discutimos as relações entre a melancolia e a literatura e suas complementações enquanto andam juntas. A literatura melancólica¹ se faz presente na contemporaneidade. Por isso, esse ponto de discussão despertou o estudo sobre as questões melancólicas em visão pungente sobre a construção social-feminina na obra *O Peso do Pássaro Morto* (2017), de Aline Bei

4 “DOS 8 AOS 52”: A TRANSFORMAÇÃO DA PERSONAGEM MELANCÓLICA EM O PESO DO PÁSSARO MORTO

Um ponto a ser observado é o fato de a personagem não ter nome na narrativa. Essa questão nos faz levantar a investigação sobre o que desencadeia esse anonimato a ela. Além disso, a personagem passa por eventos traumáticos envolvendo estupro, e, em decorrência desse fato, carrega o fardo de criar sozinha uma criança sem a presença do pai.

São essas questões presentes na obra que despertaram a motivação para a elaboração desta monografia. Uma vez que explora a temática social de eventos traumáticos que uma mulher encontra diariamente em sua vida, potencializando esses traumas. Consoante a isso, há ainda o luto e o estupro. Tudo isso representado na obra, de forma mais pesada e melancólica.

¹ Considera-se como literatura melancólica pelo desenlace do que se tratou até aqui com a relação entre a melancolia e a literatura, justamente pelos aspectos dentro da narrativa literária que demonstram o discurso melancólico.

Assim, no capítulo seguinte, adentramos a análise e, com o suporte teórico sobre a melancolia e suas causas, buscamos compreender essa pungência dos eventos traumáticos que ocasionam a condição melancólica da personagem protagonista de *O Peso do Pássaro Morto* (2017).

Antes, é necessário discutir os fatores que ocorrem para o condicionamento do estado de melancolia na personagem. Esses fatores estão relacionados à evolução enquanto ser humano, abordamos assim a condição da identidade feminina no âmbito social, uma vez que a construção da identidade feminina pautada em suas vivências, na contemporaneidade, está cada vez mais desafiadora. É um processo que se dá através de fases da vida, desde a infância, perpassando a pré-adolescência e, por fim, a vida adulta. Durante esses estágios de vida e de construção de uma identidade particular, torna-se importante discutir os diversos desafios capazes de desencadear múltiplos problemas psicológicos.

Agora levantaremos uma questão: na contemporaneidade, é fácil conduzir esse desenvolvimento da construção da identidade feminina tendo em vista a inferioridade da figura feminina comparada à figura do homem? É como bem explica Perrot (2010, p. 124) ao dizer que “homens e mulheres são identificados por seu sexo; em particular, as mulheres são condenadas a ele, ancoradas em seus corpos de mulheres chegando até a ser prisioneiras deles.”

O processo de construção da identidade feminina resulta numa luta contra a hierarquia existente entre feminino e masculino, embora haja esse embate desde os tempos passados até a atualidade. Essa fixação e estabilização da identidade está regida em situar-se enquanto ser humano, por outro lado, o processo de desestabilizar e subverter definem-se como os obstáculos que podem causar mudanças, transformações profundas na construção dessa identidade, sobretudo a feminina.

Na obra *O Peso do Pássaro Morto*, esse processo acontece dos oito aos cinquenta e dois anos de idade da personagem. Nesse recorte de tempo, a obra apresenta diversas passagens no decorrer dos anos de evolução na vida da protagonista, os títulos dos capítulos estão nomeados com a idade em que vai se narrar cada fase da sua vida. Exemplo: aos 8; aos 17; aos 18; aos 28... até chegar no último capítulo aos 52. Essa nomeação de capítulo nos faz ter a

noção de tempo em que está se passando a história. É possível acompanhar o processo de passagem do tempo em uma visão mais aprofundada, a sua construção de identidade desde sua infância até a fase de sua vida adulta.

Como já mencionado anteriormente, *O Peso do Pássaro Morto* é uma narrativa marcada por diversos eventos traumáticos que marcaram de forma dolorosa a vida da personagem protagonista. Nas duas próximas sessões iremos entender finalmente como se dá a condição da melancolia que perturba a personagem durante diversos estágios da sua vida. Mas antes, veremos três trechos nas diferentes fases da vida desta personagem: na infância, na adolescência e na fase adulta. Ao analisar o trecho do capítulo “aos 8”, temos:

[...] meu pai testou como eu estava
me fazendo perguntas
diretamente do livro, já um pouco estragado, de tanto ser
aberto e fechado além de
esquecido no chão também do banheiro. eu não soube
responder pergunta nenhuma, queria comer sucrilhos
eternamente e colocar óculos escuros igual ao seu luís (Bei, 2017, p. 13).

Nesse recorte, a imagem da personagem enquanto criança narra uma vivência cotidiana entre pai e filha em um auxílio de atividades escolares. Tal prática torna-se comum no convívio dentro de casa e como parte da infância, além de remeter - “queria comer sucrilhos” - uma guloseima que representa um gosto de meninice, um refúgio para a personagem de 8 anos de idade, da prova de matemática a que seu pai estava auxiliando-a em casa. Esse imaginário infantil demonstra a pureza e a inocência dessa fase. Portanto, pode-se observar as marcas que a narrativa traz ao identificar os estágios da vida da personagem enquanto criança e o passar dos anos na transição de um capítulo para o outro.

O próximo fragmento já mostra um outro estágio de vida da personagem. Adentrando na fase da adolescência, no capítulo “aos 17”, já temos uma visão mais evoluída da personagem com experiências novas e totalmente diferentes das que se tinha anteriormente. A adolescência é um estágio da vida em que é conturbada por muitas descobertas sobre si, relações sociais, desejos sexuais e outros diversos aspectos. Becker já dizia sobre a adolescência que “o principal determinante é a sexualidade [...] sua funcionalidade é o prazer”

(Becker, 1994, p. 54), logo isso se aplica na forma de comportamento da personagem protagonista, em suas novas experiências de vida.

[...] ele acalmou quando prometi
que em breve
faríamos sexo
e só de pensar no Pedro pelado, eu
já sentia espasmos
nas costelas de perna
bamba.
usava a palavra tesão
pra falar com a paula sobre o que eu sentia pelo Pedro
quando a gente colava a boca (Bei, 2017, p. 50).

O desejo sexual nesse trecho marca como é a adolescência, um desejo despertado naturalmente à medida que o ciclo social aumenta e a descoberta dessa virtude vem à tona. Por muitas vezes isso pode acabar atrapalhando o desenvolvimento dessa fase, como afirma Frota *et al.* (2015):

Nessa etapa da vida, os indivíduos assumem comportamentos para os quais não estão preparados, como iniciar relacionamento sexual precocemente, o que se deve, muitas vezes, à ansiedade de viver de maneira rápida e intensa, razão pela qual não refletem sobre suas atitudes (Frota *et al.*, 2015, p.105).

A construção da identidade feminina da personagem flui de modo natural do que se espera realmente de como aconteça, enquanto evolutiva física e psicologicamente. Mas, não anulando o fato de existir estágios delicados que devem ser tratados com cautela. O despertar de desejos e as emoções afloram de uma forma estupidamente aguçada quando se está na fase da adolescência.

Transcendendo da adolescência e já adentrando na fase adulta, onde os desafios de vida aumentam ainda mais do que quando se transmuta da infância para a pré-adolescência e em seguida para adolescência de fato, a vida adulta está sujeita a ocasiões do social onde a responsabilidade está totalmente voltada para o ser que tem o controle de sua própria vida. Os desafios e responsabilidades são diversos. Dito isso, de acordo com a afirmação de Monteiro (2011):

Em função dessas mudanças e novas configurações, podemos pensar que a transição entre esses dois momentos da vida do sujeito – juventude para idade adulta – esteja, no contemporâneo, cada vez

menos linear e determinada, e sim mais difusa, individualizada, desinstitucionalizada e incerta (Monteiro, 2011, p.24).

Na obra de Aline Bei essa descrição da vida adulta está narrada de forma clara e com elementos respectivos ao que está sendo vivido pela personagem protagonista, elementos estes que são do âmbito da vida adulta, como no trecho a seguir do capítulo “aos 28”:

[...] às 6 da manhã eu fico no ponto
esperando meu ônibus já lotado
tem gente que acorda às 5, pega condução às 5:30 e
pega também o meu assento.
em pé a caminho do trabalho era de segunda
a sexta.
no máximo às 7 eu estava na minha sala sempre a
mesma, agora sim
sentada
e por quantas horas
Sentada,
numa mesa cinza com borda preta (Bei, 2017. p. 71).

Neste capítulo a personagem protagonista vive de forma mais pura a fase de sua vida adulta, como cumprir suas responsabilidades, esperar o seu ônibus chegar, seguir os horários. O trabalho da personagem nesse trecho é tido como a maior marca, ou que representa, a vida adulta. Essa marca da rotina está presente no cotidiano de pessoas que necessitam de um emprego para buscar seu sustento em casa e daqueles que dependem dessas pessoas empregadas.

Considerando até aqui os fragmentos analisados da narrativa, a condição do eu-feminino está explícita aos desafios do convívio em meio à sociedade. Por fim, a evolução, o crescimento no que se dá como contemporâneo da personagem protagonista na obra segue os mesmos padrões de vida que são condicionados à grande parte dos seres humanos. As três fases estão descritas e dialogadas na obra, narradas de acordo com as vivências do cotidiano da personagem e por ocasiões rotineiras simples que podem passar despercebidas durante a narrativa quando envoltas pelo clímax de cada capítulo.

4.1 A violência e seus efeitos na obra de Aline Bei

No tópico anterior, vimos as fases de transformação durante os estágios da vida da personagem desde a sua infância, adolescência até a vida adulta. Esse apanhado feito anteriormente nos ajudará a compreender melhor o que foi a evolução da personagem em determinado recorte temporal de sua vida que será explanado neste capítulo.

A partir deste ponto, adentraremos no lado obscuro e pungente da vida da personagem. Neste tópico será feita uma abordagem de um trauma que marcou a vida da personagem e que desencadeou uma série de gatilhos. Com uma vida conturbada, cheia de perdas e ocasiões dolorosas, ela tem que lidar com eventos de violência que a maltratam no decorrer da narrativa.

Antes de nos aprofundarmos sobre a violência contra a personagem dentro da obra de Aline Bei, vamos primeiramente compreender sobre o que seria a violência contra a mulher, em especial na contemporaneidade, para que assim possamos partir para as análises dos recortes da obra.

É fato que a violência, quando presente na vida do ser humano, acaba por abrir feridas que podem levar a vida toda para se curar. Seja ela a violência psicológica, física, sexual e dos seus mais variados tipos, já que “a violência é considerada uma das maiores ou senão, a maior chaga da sociedade brasileira e que cada dia cresce mais, parece ser um “câncer social” (Nicacia, 2016, p. 14). Infelizmente a realidade parece não mudar ou obter melhoras quanto aos casos de violência, sobretudo contra a mulher.

Dias (2008), afirma sobre a violência, com foco sobre o peso que recai sobre as mulheres:

A sociedade ainda cultiva valores que incentivam a violência, o que impõe a necessidade de se tomar consciência de que a culpa é de todos. O fundamento é cultural e decorre da desigualdade no exercício do poder e que leva a uma relação de dominante e dominado. Posturas essas que acabam sendo referendadas pelo Estado. Apesar de todos os avanços, da equiparação entre o homem e a mulher pela Constituição da República, a ideologia patriarcal ainda subsiste (Dias, 2008, p.16).

As questões que ainda permeiam sobre a reflexão e a fixação da ideologia do patriarcado ainda respingam na contemporaneidade. E é justamente o que a autora menciona ao dizer que a sociedade ainda traz os costumes patriarcais que “suavizam” e até inferiorizam a imagem da mulher à

imagem do homem. Questões de poder, relações e hierarquias ainda são vistas nos dias de hoje e tendo a mulher como uma figura inferior ao homem.

Trazendo essa discussão para dentro da obra, podemos entender como os episódios de violência que a personagem central vivencia abrem feridas nas quais a personagem tem que carregar consigo durante toda sua jornada de vida. Semelhante ao tópico 4, “Dos 8 aos 52: a transformação da personagem melancólica em *O Peso do Pássaro Morto*”, aqui foram separados três episódios de violência que a personagem sofre, sendo um na sua infância, um na fase da adolescência e, por fim, um na fase de sua vida adulta.

Iniciando pelo primeiro capítulo da narrativa, depois de a personagem ter presenciado um episódio terrível, que foi a morte de sua melhor amiga de infância e também da escola, ela, enquanto criança, ainda teve que lidar com a violência psicológica por parte dos colegas de escola que praticavam *bullying* com ela. Observamos no seguinte trecho do capítulo “aos 8”:

[...] Como Ana e comprei um tênis igual.
 todo mundo reparou. Riram do meu pé dizendo:
 – é cópia.
 Riram muito
 do meu pé me apontando
 dedos, fizeram 1 Roda em volta de mim.
 eles Giravam gritando é cópia, gritando
 é feia,
 pensei que morreria igual a carla, será que aquilo era
 morrer?
 minha calça ficou
 Molhada, calça cinza de moletom virando escura.
 comecei a ouvir risadas mais altas e um:
 – ela se Mijou! (Bei, 2017, p. 32)

Neste recorte temos uma cena pura do que é a violência psicológica. A personagem está envolta por várias crianças atacando-a sem o mínimo modo de defesa. A situação causa medo e aflição nela, uma vez que esse tipo de violência “provoca sérios danos psicológicos [...], como insegurança, frustração, medo e sentimento de ansiedade, por isso as consequências são as piores possíveis para a mulher” (Cunha; De Queiroz, 2018, p. 87).

Vale ressaltar que a cena se passa com a personagem tendo apenas 8 anos de idade. Os ataques são os mais pesados possíveis nesta cena, pois ferem a sua autoestima quando a chamam de feia. Um ponto a se observar

nesta cena é o de que, quando encurralada, começa a imaginar e a se perguntar sobre o que está acontecendo. Ela chega a questionar se aquela situação seria como morrer, como ela indaga-se no verso: “pensei que morreria igual a Carla, será que aquilo era morrer?” É um episódio tão violento e doloroso para ela, que chegou até a compará-lo com a morte.

A próxima cena de violência pode ser considerada como uma das mais pesadas e dolorosas da obra. Aos 17 anos, a personagem mais uma vez é sujeita a passar por um evento traumático de violência no qual esse sim marcaria para sempre sua vida. Nove anos depois do ocorrido sobre a violência psicológica sofrida na escola, as coisas se intensificam ainda mais na adolescência.

[...] desci as escadas correndo num quase tropeço.
 quando abri a porta
 o Pedro
 tinha 1 Faca
 que colou no meu
 pescoço.
 meu grito
 morreu no estômago
 junto com o chute que ele me deu.
 caí sem acreditar naquele Pedro que
 arrancou o meu
 vestido, o contato
 rente
 da Faca
 queimava
 a pele e
 ardia enquanto o Pedro
 mastigava meus peitos
 pronto pra arrancar
 o bico.
 ele lambeu minhas coxas por dentro a buceta meu rosto
 o cu e a língua um pau revirando,
 entre a reza e o pulo escolhi
 ficar dura
 e estranhamente pronta
 pra morrer.
 foi quando o xixi
 me escorreu
 as pernas (Bei, 2017, p. 61-62).

Um dos pontos mais tensos da obra é a ilustração desta cena. Aqui temos um episódio grotesco de violência e estupro contra a personagem, a autora descreve os detalhes do ocorrido da forma mais real possível. O

namorado da personagem, Pedro, a ataca covardemente na busca por uma vingança por ter sido traído por ela em uma festa que aconteceu dias antes deste episódio. Ele executa essa ação como uma correção ao comportamento da personagem durante a festa.

Neste recorte temos a figura do homem e a figura da mulher, o homem buscando um “direito” sobre o corpo de uma mulher, que, para ele, estava indefesa e que não teria chance alguma de impedir tal ato repugnante. Gomes (2021) pode nos nortear sobre esse comportamento masculino em relação à violência:

O suplício do corpo da mulher é um exemplo de códigos machistas mantidos por valores hegemônicos que são usados para educar pela punição, uma vez que esse corpo serve de parâmetro para que outras não sigam pelo caminho (Gomes, 2021, p.151).

A personagem, mais uma vez, acaba por estar em uma situação que irá traumatizá-la pelo resto de sua vida. Seu corpo foi invadido contra a própria vontade pelo rapaz que deveria zelar e cuidar dela. Mas em um momento de tensão extrema, acaba por invalidar as regras do caráter humano e comete o ato que fere, não somente o físico da personagem, mas também a sua imagem como mulher e causa feridas no psicológico que demoram para cicatrizar com o passar do tempo.

A demora da cicatrização deste trauma que a personagem carrega ainda vem acompanhada de uma gravidez que foi consequência do estupro. A dor e o sofrimento por ter o “corpo dilacerado sem recomposição, trará ainda a marca da maternidade como uma reencenação do trauma vivido” (Santos, 2021, p. 63), não bastando à personagem ter passado por todo o sofrimento e ainda ter que lidar com a busca da recuperação do seu psicológico ferido, ela também carrega o fardo de uma gravidez indesejada.

Diante desses dois recortes da obra de Aline Bei, pode-se ver que a violência marcou vida da personagem acompanhando-a em todas as fases. Sabe-se que não é saudável conviver com esse tipo de trauma psicológico e nem é fácil lidar de forma tão simples como parece ser para superar os ocorridos lamentáveis.

Há um trecho da obra onde as posições estão invertidas. Nas duas cenas anteriores, a vítima da violência, a personagem central, comete o mesmo ato que a traumatizou por anos, como no capítulo “aos 28”:

[...] chamei o Lucas na sala.
 arranquei seu fone
 de ouvido, o escudo que ele usava
 sempre quando estava
 comigo.
 com a cara besta
 típica
 da idade
 ele me perguntou em tom hipócrita:
 – que foi?
 eu
 dei um tapa
 mais duro do que eu esperava
 na cara
 do menino que não voltou a me olhar nos olhos
 (Bei, 2017, p. 90).

É curioso pensar que, mesmo depois de tudo o que aconteceu e que tenha marcado a vista desta personagem, ainda haja conflitos que partem mais uma vez para a prática da violência. Nesta cena temos um atrito entre mãe e filho –fruto do estupro – por causa de uma travessura que ele fez. Uma parte importante para mencionar neste trecho, localiza-se no terceiro, quarto e quinto verso: “*o escudo que ele usava / sempre quando estava / comigo*”, aqui ela refere-se ao fone de ouvido que o rapaz sempre carregava consigo como uma barreira que o filho colocava na relação entre ambos, funcionando ali como algo para evitar o contato entre mãe e filho.

Entendemos, a partir disso, que a relação não era tão amistosa e o vínculo entre eles era superficial. Isso nos faz pensar em diversos motivos, talvez seja porque a personagem tenha uma vida ocupada devido às obrigações de sua vida adulta, ou talvez - a que faz mais sentido - a falta do vínculo entre mãe e filho seja pelo fato de esse filho ser fruto de um dos piores momentos da vida da personagem: o do estupro.

A personagem utiliza-se da violência para punir o filho diante do que aconteceu. Observando a situação e ao vermos que os laços entre eles já estão desgastados, a presença e a prática da violência nesta cena faz os dois se afastem mais ainda. A cena representa também uma falha na fase de

maternidade da personagem, pois, como justificativa para a personagem, valida-se que a “maternidade é um retorno ao trauma do abuso-punitivo que ela sofreu e a experiência da impossibilidade de amar o simbólico estigmático da violência sofrida, o filho Lucas” (Santos, 2021, p. 63).

4.2 A representação da melancolia na personagem protagonista em O Peso do Pássaro Morto

Faz-se necessário recapitular os estágios de análise deste trabalho para compreender, de maneira clara, a chegada do ponto principal do estudo em questão, a qual será abordada a seguir. Desde o início buscamos a compreensão de como se deu a evolução da personagem dentro da obra *O Peso do Pássaro Morto*.

O apanhado foi realizado na busca de explanar momentos em que a personagem passa por situações duras e que adoecem o seu psicológico. Neste capítulo, veremos o que resultou os eventos traumáticos vividos pela personagem e como estão representados em algumas passagens da obra, visto que, desde o início de sua vida, nunca teve seu nome mencionado. Portanto, evidencia-se trechos da narrativa onde a personagem é tomada pela sua condição melancólica.

Uma vez que a obra não apresenta em si a melancolia propriamente dita em determinado capítulo, mas sim durante os estágios dolorosos aos quais a personagem passa, pois no que se diz a respeito da condição melancólica e um conceito aqui já discutido sobre a melancolia, “ela não apresentou uma definição plausível e fixa, mas se constituiu enquanto um conceito fragmentado.” (Andrade, 2011. p. 20).

Retornando à infância, no capítulo “aos 8”, podemos localizar seu primeiro momento em que a melancolia já se faz presente, após ter presenciado a morte de sua amiga, em que a personagem reflete sobre o ocorrido:

[...] Não Consigo.
tentei segurar
as lágrimas que caíam na minha mão em
concha,
eram tantas,
será que com o uso

um dia a lágrima acaba?, a vida
 pode ser longa e eu não queria
 virar
 uma menina sem lágrima no meio do caminho
 uma mulher (Bei, 2017, p.28).

Observamos neste recorte, uma mistura da condição melancólica com o estágio do luto. Embora tenhamos discutido a diferença entre luto e melancolia, essas duas condições de estado do ser humano irão se cruzar várias vezes no decorrer da narrativa, por isso, é importante diferenciar uma da outra. Principalmente quando, diferente ao luto, “a melancolia põe em destaque o desagrado moral com o próprio ego, acima de outros defeitos” (Freud, 1917, p. 31).

Neste trecho, ainda criança e sem ter conhecimento do que seria o luto e de como iria superar esta fase, a personagem já enxerga para o futuro ao dizer: “*será que com o uso um dia a lágrima acaba?*” Aqui percebemos o receio dela em permanecer nesse estágio melancólico durante o resto de sua vida.

Ainda criança, sem experiência com este tipo de vivência, ela tem a noção do que isso pode causar em sua vida, pois “esse choque gerado pela compreensão da ausência irreversível que a morte impõe, provoca uma espécie de ruptura, um corte que arranca a menina da infância” (Santos; Vasconcelos, 2023, p. 195).

Com sua infância marcada pela presença do estado melancólico, a personagem, em sua fase adulta, ainda carrega marcas dessa condição. Como se lê no capítulo “aos 28”:

[...] aconteça o que que acontecer um morto está morto. não
 há urgência que o faça levantar ou ser triste
 tampouco alegre, é o nada absoluto que
 me soa como belo, e se eu
 me matasse?
 agora sozinha
 seria o momento perfeito que eu pensava...
 (Bei, 2017, p. 83)

A cena que observamos da personagem se dá através de um pensamento que se questiona sobre o sentido de um morto estar morto e não poder mais voltar a viver. Esse pensamento parece levar a personagem à conclusão de que a morte seria uma solução para os problemas que a rodeiam

diariamente. O pensamento suicida se faz presente nesse trecho e, para melhor compreender, ao ponto que a personagem chega nesse seu estado de melancolia Santos (2021), argumenta:

O que podemos perceber no texto de Bei é o caminho da personagem central ao despojamento de si mesma, operado na relação de um vazio subjetivo extremo fruto da falta de reconhecimento do outro e da violência vivida. [...] a falta de sentido, a desvitalização e perda de laços sociais significativos, operados na interioridade da personagem em meio a uma des-vida(Santos, 2021,p.65).

Como o dito do autor menciona sobre a desvitalização da personagem, podemos observar que os pensamentos suicidas dela funcionam como uma forma de alívio para os problemas e a desvalorização de si. O vazio marcado pela perda de pessoas durante sua vida, a grande falha na relação entre a personagem e o seu filho e os eventos traumáticos acompanhados da violência agravam e foram consequências da condição melancólica da personagem.

Embora tudo esteja parecendo perdido para a personagem, uma luz de esperança ainda se acende quando ela encontra um cachorro abandonado e o adota para cuidar. Criando assim um laço afetivo que há anos ela nunca tinha tido por alguém, superando mesmo até o amor pelo seu filho, porém, mais uma vez a personagem se depara com um evento de perda. Em uma passagem da obra, mais especificamente no capítulo “aos 52”, ela encontra o seu tão amado cachorro morto na casa onde morava. A morte do cachorro desperta o sentimento que a personagem um dia viveu de ruim, ocasionando à personagem o abandono total de si. O autoaniquilamento e o abandono dela mesma chocam por tamanha tristeza a que se deu o fim da personagem em sua condição melancólica.

As duas cenas seguintes, ainda do capítulo “aos 52”, mostram como ocorre a perda da vontade de viver da personagem:

(...) fiquei sem comer.
o telefone
eu cortei da tomada, a vitrola
nunca mais deu um pio.
deixei de tomar banho
a casa
cheirava merda que eu não ia ao banheiro
cagava

ali
mesmo (Bei, 2017, p. 165)

(...) vomitou dormindo
e não acordou.
sonhava de novo com
a chegada
pra ver o Vento morto
só que dessa vez ele não estava morto
o portão
não estava aberto, no sonho
o Vento estava em casa esperando e isso a deixou tão
feliz que ela não acordou, não pôde,
nem o gorfo conseguiu e então
nunca mais.
a morte de engasgo foi muito feia, só a boca trabalhou e
um pouco da barriga (Bei, 2017, p. 169)

O final trágico da personagem é marcado pelo total abandono de si, o estado em que ela se encontra é o mais triste possível, uma vez que cai na ilusão de que poderia novamente voltar a ter gosto pela vida, mas isso é interrompido pela morte do seu cachorro Vento, ocasionando assim um suicídio simbólico.

Santos e Vasconcelos (2023), apontam sobre o suicídio da personagem como:

O movimento pela interrupção da vida é a decisão pelo autoabandono, a escolha de não mais atender às necessidades básicas de manutenção do corpo. Ao desistir da própria existência, entregando-se a uma aparente inércia, a personagem morre pelo que compreendemos ser um suicídio passivo(Santos; Vasconcelos, 2023, p.206).

Ela, por fim, encontra nesse abandono a forma de excluir de vez as dores que carrega, mesmo sendo levada ao abandono contra sua vontade, pois “é pelo suicídio por engasgo, metafórico e potente em sua simbolização, que esta mulher aniquilará ao trauma e a si mesma” (Santos, 2021, p. 65).

Aline Bei deixa claro em sua obra que o acúmulo de ocasiões dolorosas, tais como violência, morte, desafeto, pressão psicológica e dentre outras, acabam por abrir uma imensa ferida que é difícil de se curar, principalmente quando o Eu se encontra em um estado melancólico – o caso da personagem da narrativa –, e infelizmente termina de uma forma trágica e avassaladora,

sobretudo quando a situação é encarada de uma forma solitária, sem ter a quem recorrer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu explicar a melancolia presente na construção social-feminina na prosa-poética de *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, para assim seguir a compreensão de análises dos eventos traumáticos dentro da obra. O primeiro objetivo buscou examinar toda a trajetória e fases da vida da personagem; o segundo ponto foi o desenlace que se deu aos acontecimentos regados ao sentimento do luto com as perdas de pessoas a quem a personagem protagonista tinha forte vínculo. Isso foi explicado de forma clara com os trechos – grifos da autora – e análises relacionadas com base em teóricos e, por fim, o terceiro investigou a condição melancólica que acarretou na vida da personagem no decorrer de tantos eventos traumáticos vividos por ela.

A partir desta pesquisa, podemos compreender mais sobre como a abordagem do âmbito social ainda é predominante em diversas obras literárias contemporâneas. Portanto, é de extrema importância que cresçam as pesquisas e estudos em literatura contemporânea, no que diz respeito à temática presente neste trabalho, para que se possa ter um repertório diverso de produções de estudo que irão servir como apoio de teorias e agregar conhecimentos e pontos de vista ao âmbito literário brasileiro contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Stanze: parole et fantasme dans la culture occidentale [1977]**. Trad. de Yves Hersant. Paris: Ch. Bourgois Éditeur, 1981.

ANDRADE, Hedyane Melo de. **Melancolia na contemporaneidade: a dor de existir?** Psicologia. Universidade Estadual da Paraíba. Paraíba. 2011.

ALFELD, Elisabete. (2021). **Poética da rememoração: o processo criativo de O peso do pássaro morto**. Manuscrita: Revista De Crítica Genética, (43), 54-72.

ALMEIDA, Janaína Fassinato Pio de; Najwa, Dagash. A importância do amadurecimento emocional para o processo de reconhecimento dos adolescentes. **Revista de Direito Sociais e Políticas Públicas 5.2** (2019): 87-102.

ARAÚJO, Victor Hugo Farias de. **O peso de ser mãe: a construção do sujeito materno em O peso do pássaro morto, de Aline Bei**. Monografia (Graduação em Letras) – Curso de Letras – Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2023.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Nós, 2017.

BRANDÃO, Catharine de Souza. **A melancolia através da poesia o espelho da alma de Antônio Joaquim Pereira da Silva**. Monografia (Graduação em Letras) – Curso de Letras - Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande. 2017.

BECKER, Daniel. **O que é a adolescência?** 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 98.

CAMARANO, Ana Amélia. **"Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?"**. Rio de Janeiro. Editora Ipea, 2006.

CARLOTTO, Patrícia Schneider. **Feminino e melancolia na literatura: escrita de si, uma saída possível?** Psicologia. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

CORREIA, Francisco José Gomes. (2004). **Subsídios para uma poética da melancolia: depoimento**. *Revista da Anpoll*. N. 16. p. 43 – 55, 2004.

COSTA LIMA, Luiz. **Melancolia: literatura**. São Paulo: EdUnesp, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DANTAS, Manuel Hélder de Moura. **Melancolia e criação literária: veredas psicanalíticas em Guimarães Rosa**. 2017. Dissertação (Mestrado em

literatura, cultura e tradução). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

DIAS, Maria Berenice. **Conversando sobre justiça e os crimes contra as mulheres**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

FERRARI, Ilka Franco. Melancolia: Freud a Lacan, a dor de existir. **Revista Latin American Journal of Fundamental Psychopathology on Line**, VI, p. 105-115.

FREUD, Sigmund. (1917[1915]). **Luto e melancolia**. ESB Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. São Paulo: Autores associados, 2001.

LIMA, Fátima Maria de. **Violência contra a mulher: casos atendidos no Hospital Regional de Araguaína (2014 - 2015)**. 2016. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.

MONTEIRO, Renata Alves de Paula. **A transição para a vida adulta no contemporâneo: um estudo com jovens cariocas e quebequenses**. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

NICÁCIA, Bruna Sousa da Silva. **Violência contra a mulher: casos atendidos no hospital regional de Araguaína (2014 – 2015)**. Licenciatura plena em Geografia. Monografia, Universidade Federal do Tocantins. 2016.

PARKES, Colin Murray. **Luto estudos sobre a perda na vida adulta**. Summus editorial, São Paulo, 1998.

PEREIRA, Maria do Rosário, & ARRUDA, Aline Alves (2021). **O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea**. Revista Criação & Crítica, (29), 145-160.

QUEIROZ, Rosana Ataíde de; CUNHA, Tania Andrade Rocha. **A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória**. Revista Nupem, v. 10, n. 20, p. 86-95, 2018.

SANTOS, Jocelaine Oliveira dos. **Morte, violência e devastação em *O Peso do Pássaro Morto, de Aline Bei***. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 53–67, 2021.

SCLIAR, Moacyr. **A melancolia na literatura**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, [S. l.], v. 1, n.1, p.1–12, 2011.

SILVA, Bruna Nicácia Sousa da. **Violência contra a mulher**. 2023.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica.** Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 11, p. 93-103, 2007.

SOARES, Luana Raquel dos Santos; VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira. **Bildungsroman feminino: rupturas do romance de formação contemporâneo em O peso do pássaro morto, de Aline Bei.** Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 22, n. 42, p. 185-209, 2023.

STEFANI, Mônica, & SOUZA, Naíla Cordeiro Evangelista de. (2021). **A recepção brasileira ao romance *O Peso do Pássaro Morto* (2017), de Aline Bei: uma breve análise.** Afluente: Revista De Letras E Linguística, 6(17), 314–332.